



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



EMILIANE ARAUJO SILVA SANTIAGO

A HISTÓRIA E A SIMBOLOGIA DO LIVRO: do codex ao livro eletrônico

Rio de Janeiro  
2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



Emiliane Araujo Silva Santiago

A HISTÓRIA E A SIMBOLOGIA DO LIVRO:  
DO CODEX AO LIVRO ELETRÔNICO

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, da UFRJ, para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Antonio José Barbosa de Oliveira  
Co-orientador: Mariza Russo

Rio de Janeiro  
2010

S235 Santiago, Emiliane Araujo Silva, 1987-  
A história e a simbologia do livro: do codex ao livro eletrônico. /  
Emiliane Araujo Silva Santiago – 2010.  
25 f.

Orientador: Antonio José Barbosa de Oliveira

Co-orientador: Mariza Russo

Trabalho de conclusão de curso – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação.

1. Codex. 2. Disseminação da informação. 3. Livro impresso – História. 4. Livro Eletrônico. 5. Simbologia do livro. I. Título. II. Oliveira, Antonio José Barbosa de. III. Russo, Mariza.

CDU 002(09)



EMILIANE ARAUJO SILVA SANTIAGO



A HISTÓRIA E A SIMBOLOGIA DO LIVRO:  
do codex ao livro eletrônico

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao  
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades  
de Informação, da UFRJ, para obtenção do grau  
de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. M.Sc. Antonio José Barbosa de Oliveira – Orientador  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Profa. M.Sc. Mariza Russo – Co-orientadora  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Profa. M.Sc. Ana Maria Senna  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus em primeiro lugar, por ter me dado força e coragem para enfrentar mais uma grande etapa em minha vida. A minha querida Mãe, Maria Santiago, sem a qual não teria sido possível mudar-me para o Rio de Janeiro e estudar na UFRJ. A minha amiga Simone Barros. Ao carinho, dedicação e esforço sem medidas de minha Co-orientadora e Coordenadora do Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG/UFRJ) Mariza Russo. Ao Orientador de minha Monografia, Antonio José Barbosa de Oliveira. Ao Reitor da Universidade Professor Doutor Aloísio Teixeira. A todos os Professores (as) e funcionários do Curso (CBG/UFRJ). Mas em especial gostaria de agradecer a Mazé, Prof. Pierre Ohayon, Eliana Taborda, Vânia Guedes, Cristina Paiva, Nysia Sá, Graça, Fred, Ana Senna, Fátima, Malin, Clóvis e Rachel que marcaram minha vida e profissão para sempre.

Obrigada por tudo UFRJ.

Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte não temeria mal algum, porque Deus está comigo, poderei caminhar sobre serpentes e víboras, calcar aos pés leões e dragões.  
(Salmo 91)

SANTIAGO, Emiliane Araujo Silva. **A história e a simbologia do livro:** do codex ao livro eletrônico. 2010. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Administração e Ciências Contábeis. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso procura perceber o processo histórico do livro. Pretende-se abordar as várias fases históricas do desenvolvimento e formação do livro propriamente dito; o *volumem*, manuscrito, o surgimento do codex, do impresso, e os *e-books*, observando as transformações decorrentes da revolução do livro a partir do século XV, buscando analisar a disseminação da informação por meio do livro impresso, possibilitando a revolução do conhecimento. Ao percorrer as diversas etapas de construção do livro, da tipografia à sua posterior transformação em indústria, defende-se a opinião da permanência futura do livro, uma vez que este é um artefato que transcende a materialidade e é também percebido como um bem simbólico, mediante as diversas articulações sócio-culturais que permeiam as relações entre livros e leitores. A metodologia contemplará o aprofundamento de argumentos e justificativas de cunho científico em prol da promoção de embasamento teórico, levando-se em conta as considerações extraídas de forma analítica e corroborativa de bibliografias, artigos de periódicos e demais literaturas que foram indicadas pelo orientador e pesquisadas pela orientanda, sendo estas últimas monitoradas e analisadas quanto ao grau de relevância para o tema desenvolvido.

**Palavras-chave:** Codex. Disseminação da informação. Livro impresso-História. Simbologia do livro.

## SUMÁRIO

	p.
<b>1 INTRODUÇÃO</b>	9
<b>2 JUSTIFICATIVA</b>	11
<b>3 OBJETIVOS</b>	13
<b>3.1 Objetivo Geral</b>	13
<b>3.2 Objetivos Específicos</b>	13
<b>4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	14
<b>4.1 O livro na Antiguidade e na Idade Média</b>	14
<b>4.2 A Revolução de Gutenbeng e o livro impresso</b>	17
<b>4.3 O livro eletrônico</b>	19
<b>4.4 O livro como bem simbólico</b>	21
<b>5 METODOLOGIA</b>	23
<b>6 CONSIDERAÇÕES</b>	24
<b>REFERÊNCIAS</b>	25



## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende enunciar alguns aspectos a respeito do desenvolvimento do livro, um dos mais importantes suportes para o registro da informação e produção de conhecimentos ao longo dos séculos, perpassando as suas diversas etapas de construção, do livro impresso até os dias atuais, caracterizada como a era eletrônica dos *e-books*.

Para tanto, serão abordadas as várias fases históricas do desenvolvimento e formação do livro propriamente dito; o *volumem*, manuscrito, impresso e os *e-books*; sua contextualização temporal, sua história, sua relação com o indivíduo. No estudo também será focalizado o livro como objeto simbólico, que se estende muito além do objeto em si, lugar de memória e construtor de identidades.

Em tal abordagem pretende-se chegar até a era eletrônica; uma perspectiva que corrobora com o renascimento da universalidade das ideias do homem, mas também provoca a sensação de que a cultura do livro possa vir a desaparecer. Assim como em outras revoluções vividas ao longo da história, acreditamos que esta pode vir a criar, pelo contrário, novas oportunidades e adaptabilidades. Essa cultura do livro, como objeto, desvincula-se de seu estado inicial material e passa a pertencer a um conjunto de unidades simbólicas que o legitimam como suporte físico não extingüível (CHARTIER, 1998).

A partir de tais concepções, pode-se inferir que as gerações futuras não abandonarão o livro, mas utilizarão o suporte ao qual lhes melhor servir. O livro em si mesmo, sua relação com o indivíduo extrapola o meio físico, onde este não mais se findará nas páginas do suporte em papel.

A era eletrônica, o advento das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), e a própria Ciência da Informação, vêm apontando diferentes meios e ferramentais que corroboram para a utilização de materiais cada vez mais práticos ao mundo globalizado.

Para tanto serão abordados quatro períodos pertinentes ao surgimento e as transformações pelas quais o livro passou e vem passando. Na Antiguidade e Idade Média, os suportes precedentes do escrito, o volumem, depois o códex; a revolução de Gutenberg com o livro impresso; o livro eletrônico, as inquietações humanas que acompanham as novas formas de suporte e por fim a simbologia do livro.

Acreditamos que o novo suporte conviverá com o antigo, a inteligibilidade da cultura textual das obras estará garantida se a mantiverem mesmo que conservadas em meio eletrônico, assegurando sua identidade atribuída aos objetos que as transmitiu. Nesse sentido, a biblioteca, as salas de leitura ou qualquer ambiente ao qual cada indivíduo compartilha a leitura se torna também passível de novas reflexões e discussões, pois a partir do momento em que se sociabiliza o legado manuscrito da humanidade para a humanidade o livro deixa de ser um instrumento exclusivo, objeto buscado, e passa a buscar o seu leitor. Conforme defendido por Chartier (2002), caberá à biblioteca do futuro reconstruir ao redor do livro a sociabilidade que se perdeu em nossa sociedade contemporânea.

## 2 JUSTIFICATIVA

Com o advento das TICs, a internet vem corroborando as perspectivas de universalização na troca de ideias participativas e a estrutura agregativa, onde novos recursos e possibilidades informacionais surgem diante da sociedade. Sendo assim, o sonho de se alcançar a expansão democrática do saber deve ser almejado, tendo em vista o reconhecimento de possíveis limitações do contexto eletrônico.

Dentro desse cenário de mundo informacional, há certa angústia de ver a cultura do livro desaparecer, colocando em dúvida seu futuro. A história do livro será abordada a fim de elucidar sua origem através das várias fases de aperfeiçoamento dos sistemas de escrita com os seus respectivos suportes.

Para tanto, a invenção e existência do livro se fez diante da vinculação dos diversos momentos da história do registro da informação aos vários contextos históricos, políticos e revolucionários nos quais se insere. Dentre estes, a revolução de Gutenberg que antes fora entendida como ameaça, corroborou, pelo contrário, as novas possibilidades de instrumentos informacionais, uma vez que, dada uma nova tecnologia, parte-se do princípio de que esta, não necessariamente, substituirá outra já existente. Diferentes tecnologias podem se somar ou conviverem sem que uma “canibalize” a outra.

O livro como objeto simbólico perpassará pela apropriação de sua identidade em relação ao seu leitor, transformando-se em lugar de memória, onde sua evocação transcenderá o objeto físico e se transformará em símbolo potencialmente formador e legitimador de identidades. Estas podem ser atribuídas à censura, aos autos-de-fé, à afinidade, à resistência e ao esquecimento.

Contudo, o livro impresso continua a circular, como os manuscritos também o fizeram até meados do século XIX, sendo que, enquanto o mercado cultural tiver a necessidade sentida por parte da humanidade em relação ao livro e o investimento adequado para sua

continuidade, a aventura do livro impresso continuará a percorrer as gerações presentes e futuras talvez para sempre.

As TICs estão presentes em todos os setores do cotidiano humano; caberá ao indivíduo a preferência pelo tipo de suporte que conterà o livro, que dependerá de seus objetivos quanto ao aspecto da leitura.

A questão ambiental, hoje muito em voga aponta para a importância da preservação do meio ambiente e para o não desmatamento. Essa perspectiva aponta para o consumo excessivo de papel, o que prejudica o meio ambiente e favorece o desmatamento; por outro lado, o lixo eletrônico também é um problema de gigantescas proporções, pois não se sabe ainda hoje o que fazer com ele.

Este trabalho se justifica, sobretudo, ao se pretender contribuir para a compreensão desta dimensão das mudanças, alterações, mas também das continuidades e alternâncias de padrões culturais que são percebidas na história da informação e particularmente na história do livro, mediante as abordagens que tratarão o livro como bem simbólico das sociedades em tempos e lugares os mais diversos.

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo Geral**

Perceber o processo histórico-social do livro, da “invenção” do codex até os dias atuais.

#### **3.2 Objetivos Específicos**

- Perceber a importância do livro (codex) e a organização das sociedades na Antiguidade e no período Medieval.
- Perceber as transformações decorrentes da invenção da imprensa a partir do século XV.
- Analisar como o livro impresso se dissemina possibilitando a revolução do conhecimento.
- Abordar o livro como um bem que transcende a materialidade e é entendido como um bem simbólico.
- Perceber as transformações decorrentes da era eletrônica para o livro impresso.

## 4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste ponto, procura-se traçar um panorama histórico sobre o livro, percebendo suas principais características e suportes, da Antiguidade aos dias atuais. Certamente, diante de período histórico tão abrangente optou-se pela utilização de alguns conceitos-chaves que inscrevem o livro à sua historicidade.

### 4.1 O livro na Antiguidade e na Idade Média

Para se perceber a importância do livro (aqui entendido a partir da sua organização sobre a forma de “codex”) e a organização das sociedades na Antiguidade e no período Medieval faz-se importante ratificar que este surge antes da invenção da Imprensa. Contudo, serão abordados alguns tipos de suportes que originaram o livro e as suas respectivas interações com seus leitores, dado o ambiente social aos quais estes eram inseridos.

Aqueles que tinham acesso aos rolos de papiro, ou seja, à informação registrada da época eram filósofos, aristocratas e religiosos que o utilizavam a fim de registrarem seu legado patrimonial e intelectual nesses suportes. Estes eram armazenados em bibliotecas, como por exemplo, a Biblioteca de Alexandria, famosa pelo imenso poder e fascinação que exercia e exerce aos estudiosos da área.

Na Antiguidade, o *papiro* foi o mais célebre de todos os produtos vegetais empregados na escrita. Devido à materialidade frágil e de pouca durabilidade, o homem foi buscando e se adaptando a novas possibilidades. Eis que no decorrer do período medieval surge o *pergaminho*, suporte confeccionado através do tratamento da pele de carneiro, resistente, mas de alto custo.

Essa circunstância viria a explicar o fenômeno dos *palimpsestos*, manuscritos em que o texto anterior era raspado para que assim outro texto fosse reescrito no mesmo lugar, economizando assim o pergaminho.

Na Idade Média, assim como o papiro, o pergaminho fora escrito de um lado só, ate que foi descoberto que se poderia escrever dos dois lados. A escrita no pergaminho realizada somente no reto, assim como no papiro, ambos enrolados, deu origem ao *volumem*. Já a escrita no reto e no verso, com as folhas presas numa das laterais do suporte, fez nascer o *codex*, o antepassado imediato do livro. Segundo Martins (2002, p.68), “embora escritas dos dois lados as folhas do pergaminho, conservou-se, até o fim da Idade Média, o hábito de apenas numerá-las no reto, o que significa que a noção de página somente aparece no fim desse período.”

A leitura variava de acordo com a característica do suporte em *volumem* ou em *codex*. Com o volumem, era feita de forma ao qual todo o corpo do leitor deveria estar atento a “dançar” com o rolo, pois este era segurado com as duas mãos. Quem lia não tinha muita mobilidade e não podia fazer anotações daquilo que lia.

Quanto à produção dos livros manuscritos, podemos considerar que esses se inseriam numa “indústria” eminentemente monástica:

Os monges desenvolveram efetivamente intenso trabalho de compilação de manuscritos, transcrevendo, ilustrando, reunindo os melhores exemplares destinados a mais ampla divulgação possível, sobretudo dentro da comunidade religiosa (ARAÚJO, 1986, p.42).

Os manuscritos medievais eram confeccionados e consumidos nos monastérios. A cópia de manuscritos era uma atividade que libertaria a alma de pecados. Cada linha escrita levaria o monge para mais perto da salvação. Nesse sentido, já é clara a simbologia do livro religioso à salvação da alma, a partir de sua vinculação ao conhecimento divino.

A informação não excedia as paredes das ordens religiosas e o poder sobre a sociedade era exercido de forma a alimentar a ignorância do povo que era subjugado à fome, à peste e à falta de informação. “A igreja possuía o monopólio da alfabetização e pretendia conservá-lo enquanto fosse possível.” (MCGARRY, 1999, p.85)

A especialização das funções que dividia a sociedade era uma das grandes causas da analfabetização da população dividida entre os que rezavam, os que lutavam e os que trabalhavam a terra, ou seja, o clero, a nobreza e o campesinato. O povo era entretido através de estímulos visuais ocorridos em cerimônias e espetáculos. Nesse período, grande parte do conteúdo informativo era difundida através desses recursos visuais e orais.

Seguindo as transformações e adaptabilidades que o livro sofrera na Antiguidade e na Idade Média, pode-se afirmar que sua trajetória seguiu um caminho lento e tortuoso. Cada modificação sofrida pelo livro manuscrito foi diretamente influenciada pelo seu leitor que em sua maioria era seu próprio criador. A interação livro-leitor assim se selou.

A imprensa antes de Gutenberg era feita através de técnicas artísticas que eram diferentes das técnicas de impressão tipográficas criadas posteriormente. O livro *xilográfico* (xilografia: arte de esculpir caracteres em madeira) consistia em uma técnica praticada na China desde o segundo século da era Cristã e também na Europa a partir da segunda metade do século XIII. De acordo com Martins (2002, p. 128) “É inegável a existência de uma tradição segundo a qual a China possuiria, desde o segundo século da nossa era, um *processo litográfico de impressão*, que teria, mesmo, precedido a *impressão xilográfica*.”

Na Europa as primeiras impressões xilográficas receberam o nome de *impressões tabelares ou tabulares*, pois eram feitas com o emprego de tabuinhas. A essas práticas foi atribuído o primeiro passo para a descoberta da impressão em caracteres móveis.

*O caminho para o incunábulo estava aberto.* Foi, efetivamente, a vista de uma prancha xilográfica que deu a Gutenberg a idéia de separar individualmente os diversos caracteres: do tipo móvel de madeira para o tipo móvel de metal a passagem é igualmente inevitável, desde que o primeiro levanta os problemas da simetria, da durabilidade e do alinhamento que somente o segundo pode resolver (MARTINS, 2002, p.132).



## 4.2 A Revolução de Gutenberg e o livro impresso

As transformações decorrentes da invenção da imprensa a partir do século XV podem ser percebidas por se tornarem fortes ao espalhar o poder e a influência da Europa por todo o mundo. O dispositivo tipográfico era bem simples, onde estes eram moldados de formas bem variadas a partir dos cinco séculos decorridos desde que Gutenberg montou sua tipografia em Mongúncia (c. 1450). Esse período histórico foi marcado por diversas transformações na Europa, que abriram caminho para a construção da modernidade, acelerando o fim das relações servis e consolidando uma nova ordem, que teria na burguesia mercantil seu principal ator social.

A pólvora, a imprensa e a reforma são citadas por historiadores como os três principais agentes causais das transformações tecnológicas, políticas e econômicas que, em última instância, mudaram nosso mundo atual (MCGARRY, 1999, p.76).

A reprodução rápida e ilimitada da escrita e da palavra se deu através da tipografia, que não era mais somente um símbolo qualquer sobre o papiro, pergaminho ou papel. A demanda por um novo meio de comunicação crescia constantemente na Europa, pois a partir do século XII o número de universidades estava aumentando e com isso a vontade e a sede do novo aprendizado se despontava, levando a um número cada vez maior de estudantes.

A leitura dentro das salas de aula era feita pelo professor, único detentor do livro. Isto causava uma certa angústia por parte dos alunos e demais interessados, surgindo assim “um mercado à espera de uma técnica que pudesse produzir textos em quantidade suficiente a um custo razoável.” (Id., p. 77)

O ambiente e as condições socio-políticas da época estavam favoráveis à Gutenberg, pois para colocar sua invenção em prática, precisava de investimentos de terceiros já que se tratava de uma atividade de produção em massa, que exigia uma base tecnológica e divisão do trabalho. A produção de informação, já naquela época, ia se aproximando da ideia de produção de uma mercadoria. Podemos considerar que nesse período (século XV), havia uma convergência de interesses e necessidades que tornavam a tipografia de

Gutenberg um empreendimento viável, pois “as invenções em geral exigem, para seu sucesso comercial, uma necessidade sentida, o conhecimento necessário e o investimento financeiro adequado (MCGARRY, 1999, p. 77).

O livro impresso presenteou a humanidade com sua confecção ilimitada, disseminando os saberes, transmitindo informação e conhecimento que antes eram detentos pelas paredes dos mosteiros.

A imprensa uniformizou o uso educado da língua e da ortografia, assim também como influenciou diretamente os padrões da organização e recuperação do conhecimento registrado. Os dicionários e enciclopédias tiveram sua história diretamente ligada a esse fenômeno.

A difusão da imprensa não se deu de um dia para o outro. O livro manuscrito não desapareceu assim que Gutenberg ‘anunciou’ sua invenção; pelo contrário, o impresso passou a imitar por um tempo o manuscrito e este permaneceu por muitos séculos.

Essa imitação tão estreita explica-se, a meu ver, por duas circunstâncias diferentes: a primeira, de ordem por assim dizer psicológica, consiste no fato de que dificilmente o homem inventa qualquer coisa de inteiramente novo. Bem examinadas, as invenções, mesmo as mais revolucionárias, são apenas transformações ou aperfeiçoamentos de coisas anteriormente conhecidas, ou de pedaços de invenções anteriormente tentadas (MARTINS, 2002, p.174).

A tarefa de encontrar informações foi facilitada mais do que nunca através da existência dos livros impressos, contanto que fosse encontrado o livro certo. O conhecimento comercializável estava a todo vapor no século XVIII, com a sociedade de consumo instaurada em vários países da Europa. Mas, alguns problemas e indagações, causados por uma nova ordem social que estava passando por Revoluções políticas e econômicas, como a Revolução Francesa, por exemplo, passaram a gravitar sobre a sociedade que se traduzira em algumas indagações, sobretudo a um grupo profissional específico: os bibliotecários. Era preciso criar mecanismos para o controle da “explosão da informação” que se verificou após a disseminação das tipografias:

A multiplicação dos livros criou imediatamente um problema para um grupo profissional, o dos bibliotecários, embora seja óbvio que eles se tornaram ainda mais indispensáveis. Em 1745 uma das principais bibliotecas européias, a do Vaticano, abrigava apenas 2.500 volumes. No início de século XVII a Bodleian Library de Oxford tinha 8.700 títulos, e a biblioteca imperial de Viena 10 mil. Em meados do mesmo século a biblioteca de Wolfenbuttel abrigava 28 mil volumes, enquanto a Ambrosiana de Milão tinha 46 mil (sem contar os manuscritos) (BURKE, 2002, p.176).

### 4.3 O livro eletrônico

Atualmente, com o advento da era eletrônica, a informação vem ganhando grandes proporções quanto ao seu poder de disseminação ampla e em tempo real, com condições de armazenamento quase que inesgotável do saber.

A internet fez renascer o sonho de universalidade no qual toda a humanidade participa do intercâmbio de idéias. Mas suscita também a angústia de ver desaparecer a cultura do livro. Qual é o futuro do livro? O que nos ensina seu passado? Roger Chartier nos lembra que muitas revoluções, dentre as quais a de Gutenberg, vividas como ameaças, criaram, pelo contrário, oportunidades e esperanças (LEBRUN, 1998 apud CHARTIER, 1998).

O livro eletrônico (*e-book*) está substituindo ou convivendo com o *codex* impresso? Faz-se necessário pensar que a humanidade encontra-se às vésperas de uma nova revolução. Os *e-books* vêm com uma nova proposta organizacional da argumentação e dos critérios de prova sobre a relação entre a demonstração e as fontes. Haverá, ou está havendo uma nova modalidade de produção e transmissão dos textos que culmina em uma transformação epistemológica fundamental. Porém,

(...) o mais provável para as próximas décadas é a coexistência, que não será forçosamente pacífica, entre as duas formas do livro e os três modos de comunicação e inscrição dos textos: a escrita manuscrita, a publicação impressa, a textualidade eletrônica. Essa hipótese é certamente mais sensata do que as lamentações sobre a irremediável perda da cultura escrita ou os entusiasmos sem prudência que anunciavam a entrada imediata de uma nova era da comunicação. (CHARTIER, 2002, p. 107).

Ainda segundo Chartier (Id.), no mundo digital, a categorização da ordem dos discursos estabelecida pela materialidade dos suportes que é dividida em cada jornal, revista,

arquivo, livro etc não acontece, pois todos os textos, independentemente de sua natureza, são entregues à leitura num mesmo suporte, ou seja, a tela do computador com as mesmas formas. Isso corrobora para uma quebra de hierarquização dos discursos que não mais distingue os gêneros textuais que se tornam semelhantes quanto a sua aparência e autoridades.

As desvantagens do livro eletrônico perpassam pela ploriferação e a abundância de informações que podem se transformar em obstáculos ao conhecimento. Ao mesmo tempo em que o mundo digital une, ele também separa as comunidades que se tornam desunidas e cimentadas pelo uso das novas técnicas devido ao controle das poderosas empresas de multimídias.

As vantagens do livro eletrônico são muitas, mas adequadas a certos tipos de necessidades e não a todos. Estas devem ser aproveitadas e não banidas devido ao medo de uma tecnologia suplantar a outra, pois se sabe que isso não irá acontecer (pelo menos tão cedo). O custo do livro eletrônico ainda é muito alto para um país pobre como o Brasil. Nesse sentido, não é provável que o livro impresso em sua materialidade venha a desaparecer, já que

(...) se o livro eletrônico terminar por se impor em detrimento do livro impresso há poucas razões para que seja capaz de tirá-lo de nossas casas e de nossos hábitos. Portanto, o *e-book* não matará o livro-como Gutenberg e sua genial invenção não suprimiram de um dia para o outro o uso dos códices, nem este, o comércio dos rolos de papiros ou *volumem* (ECO, 2010, p.7-8).

Ao que se refere à trajetória do livro “os fatos parecem demonstrar que cada sistema de escrita é independente dos demais e não constitui um ‘aperfeiçoamento’ dos anteriores” (MARTINS, 2002, p.34-35). Pode-se destacar que o homem sente uma necessidade natural de mudança no que diz respeito ao tipo de suporte ao qual o livro irá se manifestar. Mas essa mudança sempre traz consigo resquícios da tecnologia anterior (coexistência de suportes e tecnologias). “Assim, reservado, naturalmente, o tempo necessário para o ‘aperfeiçoamento’ de cada um deles, pode-se afirmar, ao contrário, que cada sistema foi ‘inventado’ de uma só vez e que nenhum deles ‘produziu’ o seguinte.” (Id. p.34-35)

#### 4.4 O livro como bem simbólico

O livro em si é parte de um todo que simboliza não só um bem material, mas toda uma historicidade que é contemplada pelo indivíduo através das bibliotecas. A memória, herança do passado, é extraída, reativada, revivida por um suporte que carrega a forma intrínseca e extrínseca da informação como um bem da humanidade.

A memória, ao contrário dos documentos que são escolhas do historiador, é herdada e os livros são testemunhas que a abrigam. Durante séculos, o livro, como suporte informacional, foi símbolo de poder e justificativa das maiores atrocidades por soberanos e eclesiásticos. Ao transmitir informações e produzir conhecimentos, sempre foi simbolicamente associado ao perigo, daí o constante controle e perseguição que sofreu na história da humanidade. A destruição de livros e bibliotecas é uma recorrência facilmente observável na história.

As leituras mudam de suporte de acordo com as necessidades de seus leitores, ou seja, a relação com o livro muda de acordo com o suporte. O livro impresso provavelmente não desaparecerá, pois nunca havia se inventado nada parecido. Segundo Humberto Eco (2010, p. 16-17)

O livro é como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Uma vez inventados, não podem ser apropriados. (...) O livro venceu seus desafios e não vemos como, para o mesmo uso, poderíamos fazer algo melhor que o próprio livro. Talvez ele evolua em seus componentes, talvez as páginas não sejam mais de papel. Mas ele permanecerá o que é.

Nesse contexto, os livros eletrônicos acabam por imitar o livro impresso; de tão “modernos” ganham versões de capa de couro para que assim se assemelhem ao formato do livro impresso, reforçando nesse sentido o poder simbólico de representação do mesmo. Essa estratégia corrobora a ideia de o *e-book* poder ganhar cada vez maior aceitabilidade no mercado cultural. A simbologia do livro, assim como a apreensão do seu conteúdo, varia de indivíduo para indivíduo, já que

a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta (CHARTIER, 1998, p.77).

A apresentação eletrônica do texto escrito modifica a noção de contexto, além do próprio processo da construção do sentido. Contudo, o livro impresso, quanto ao seu caráter identitário com o leitor, faz transcender tempo e espaço, fazendo este habitar no campo da memória que se extrai do registro histórico de caráter linear da escrita para se legitimar como extrato simbólico do saber.

O livro, portanto, pode ser entendido como bem simbólico. A representação deste implica em um vínculo que transcende sua materialidade e copula com a historicidade habitada na memória de cada sociedade e faz nascer a identidade de cada indivíduo. Dentro deste contexto é fácil perceber porque o livro ao longo dos séculos fora tão perseguido por líderes tiranos. Segundo Fernando Baéz (2006)

desde que surgiram as primeiras formas de livro na Suméria, o homem empreendeu uma verdadeira saga que reduziria em cinzas um número incalculável de obras. Medo, ódio, soberba, intolerância e sede de poder são os que sempre motivaram os biblioclastas, cuja intenção na verdade nunca foi simplesmente destruir o objeto em si, mas o que este representava: o vínculo com a memória, o patrimônio de idéias de toda uma civilização.

O livro como objeto simbólico estará intimamente ligado à construção identitária de seu leitor, num jogo constante entre a memória individual desse leitor e a memória coletiva da qual ambos (leitor e livro) fazem parte. Sendo assim, pelo seu conteúdo simbólico, o livro também é um ‘lugar de memória’: formula, legitima, molda e transforma identidades. Considerado como um ‘subversivo em potencial’ ou ‘transformador do sujeito moderno’, o livro oscilou entre a destruição (biblioclastas) e a adoração (bibliófilos).

## **5 METODOLOGIA**

O presente trabalho teve como forma de abordagem uma pesquisa bibliográfica que contempla argumentos e justificativas de cunho científico, em que o embasamento teórico foi promovido, a partir de considerações extraídas de forma analítica e corroborativa de bibliografias, artigos de periódicos e demais literaturas indicadas pelo orientador e pesquisadas pela orientanda, sendo essas últimas, monitoradas e analisadas quanto ao grau de relevância para o tema da monografia desenvolvida.

Tendo em vista o presente projeto com suas respectivas acertabilidades a respeito da desenvoltura do tema, ao longo do semestre foram promovidos encontros periódicos entre orientador e orientanda a fim do progresso da monografia em questão.

A pesquisa foi conduzida por meio da interação professor-aluno, com base em bibliografias pertinentes ao tema em questão, abordados muitos deles em sala de aula, dado que se pode apreender pelas disciplinas tais como História do Registro da Informação, História Memória e Documento e Extensão Cultural em Unidades de Informação e também por intermédio de atividade de monitoria na disciplina História do Registro da Informação.

## 6 CONSIDERAÇÕES

Com base nesses estudos, foi utilizado um referencial teórico que defende a coexistência do livro, em sua materialidade textual ou na imaterialidade eletrônica. Acredita-se que essa forma tão característica de registro da informação e de transmissão cultural deverá permanecer como uma ferramenta indispensável à disseminação do conhecimento, por se tratar de um bem simbólico, independentemente da mídia em que ele estiver disponibilizado.

A história e a simbologia do livro foram abordadas no decorrer das várias fases históricas do desenvolvimento e formação desse suporte - do *codex* ao livro eletrônico - garantindo a veracidade das transformações que seus vários formatos sofreram e evoluíram junto à sociedade.

Foi possível destacar que as grandes invenções, na verdade se apropriam de resquícios ou continuidades de certas experiências que não foram viabilizadas anteriormente e posteriormente tiveram a oportunidade de serem viabilizadas e postas em prática.

Em tal abordagem pode-se verificar, segundo respeitados autores da área em questão, que *e-books* não substituirão por completo o livro impresso, uma vez que, uma tecnologia não suplanta a outra, pelo contrário, interagem entre si.

A historicidade do livro independentemente de seu suporte aponta para sua grandiosidade e relevância atribuídos ao sentido de poder. Uma vez apropriado se transforma em uma arma letal contra a humanidade. A simbologia do livro é representada pelo vínculo com a memória e o patrimônio de ideias da humanidade.

Por fim, diante da inquietação a respeito do futuro do livro que desafia a sociedade e os grandes mestres da área, caberá aos profissionais da informação modificar em profundidade as regras de interação entre o leitor e a biblioteca e fazer dos novos meios de leitura um novo objeto intelectual, cujo resultado será preciso conservar e transmitir.



## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília, DF, Instituto Nacional do Livro, 1986.

BAÉZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros**: das tábuas sumérias à guerra do Iraque. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no ocidente. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000.

BURKE, Peter. **Problemas causados por Gutenberg**: a explosão da informação nos primórdios da Europa. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Ed. da UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Unesp, 2002.

ECO, Humberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. São Paulo: Ática, 2002.

MCGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação**: uma análise introdutória. Brasília: DF: Briquet de Lemos, 1999.